

Resenha

Cooperação internacional para o fim da pobreza

Bruno Ayllón

A Jeffrey Sachs aparecem críticas, pela esquerda e pela direita, a uma velocidade inversamente proporcional aos avanços para financiar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. As mais recentes, e talvez as mais consistentes, são as do economista Jagdish Bhagwati, autor do livro *Em defesa da globalização*, que o acusa de misturar boas intenções com ignorância em sua campanha, cuja consequência seria prejudicar as populações que pretende ajudar¹. O livro que comentamos estimulou mais ainda estas críticas, na medida que o economista norte-americano decidiu unir a sua campanha para conseguir o aumento da ajuda financeira direta à África a estrelas midiáticas como o cantor do U2, Bono Vox, que, além disso, escreve o prefácio ao *Fim da Pobreza*. Nesta versão para o Brasil, o encarregado de prefaciá-la obra de Sachs foi o ex-secretário-geral da UNCTAD,

Bruno Ayllón é doutor em Relações Internacionais pela Universidade Complutense de Madrid e Pesquisador pós-doutoral do MEC/Espanha no NUPRI.

Rubens Ricupero.

O volumoso livro pode ser rapidamente dissecado apesar de seu tamanho, que pode assustar o leitor temeroso de deparar-se com uma obra confusa, densa e carregada de dados, estatísticas e curvas econométricas. Nada mais afastado da intenção do autor, que reconhece abertamente seu propósito de explicar como poderia ocorrer o fim da pobreza e a possibili-

O fim da pobreza. Como acabar com a miséria mundial nos próximos 20 anos.

Jeffrey Sachs

Companhia das Letras, 2005.

dade que nossa geração tem de erradicá-la até o ano 2025.

Ainda que não se encontre estruturado assim, o livro contém três partes claramente diferenciadas. Um primeiro bloco, que abrange até o capítulo quarto, nos apresenta um “retrato de família mundial” com diferentes exemplos de países que fracassaram

em sua tentativa de subir a escada do desenvolvimento e de outros que já puseram o primeiro pé ou que, como no caso da China, sobem os degraus de três em três. Depois de caracterizar os pobres, quem são e onde estão, Sachs avança na sua obra graças ao recurso da história econômica, isto é, à análise dos fatores e causas explicativas da extensão da prosperidade econômica desde o século XIX. Se alguns foram muito bem, outros não conseguiram prosperar por suas carências em matéria de economia, pelas dificuldades para comercializar, pela ausência de tecnologia, pela diminuição dos recursos naturais, por padecer transtornos em forma de doença ou desastres naturais, ou por apresentar altas taxas de crescimento demográfico, dentre outras causas.

Mas este processo não foi linear nem homogêneo. Enquanto uns que eram pobres conseguiram crescer, outros sofreram uma decadência e alguns mais, como os países de renda média da América Latina, se estagnaram. O principal desafio para todos, nos conta Sachs, é superar a armadilha da pobreza, e para isso os países pobres tiveram de lançar mão da “econo-

mia clínica”, isto é, tiveram de recorrer a uma “economia do desenvolvimento” que nem sempre se caracterizou pelo rigor, pela perspicácia e pelo sentido prático. Como nos diz o autor, esta economia se parece bastante com a medicina do século XVIII, quando os médicos usavam sanguessugas para extrair o sangue de seus pacientes. É

Existem países e regiões que, sem a ajuda da cooperação internacional, continuarão tendo enormes dificuldades para sair da miséria. O esforço do mundo rico para ajudar o mundo pobre tem sido muito pequeno em comparação com os benefícios que podem ser obtidos.

uma semelhança que nos faz lembrar os programas de ajuste estrutural das instituições financeiras internacionais.

O segundo bloco do livro, entre o capítulo quinto e décimo, pode ser lido como uma crônica do viajante, na qual Sachs nos narra seu périplo pelo mundo em desenvolvimento e extrai ensinamentos e conselhos de países como a Bolívia, a Polônia, a Rússia, a China, a Índia ou o continente africano, lugares onde o autor desenvolveu atividades como assessor de diferentes governos em suas desesperadas tentativas de conseguir estabilizar ou dinamizar suas respectivas economias. Este bloco é perfeitamente prescindível se o leitor mais familiarizado com os temas do desenvolvimento econômico não se encontra com ânimos de lembrar a história de profecias que se autocumprem.

Do ponto de vista do interesse no atual debate sobre o desenvolvimento, o terceiro bloco do livro é o que mais contribui e onde podem ser encontrados alguns elementos originais. Não tanto pela novidade do que se diz e sim pela ênfase e o convencimento com que é dito. Com efeito, a partir

do undécimo capítulo e até o final da obra, Sachs mergulha nas soluções que devem ser desenvolvidas sobre o terreno para acabar com a pobreza, sempre no marco mais amplo dos esforços das Nações Unidas e do Projeto do Milênio.

O diagnóstico e os caminhos para atalhar o problema da pobreza são

meridianamente claros, segundo o autor, e existem motivos para o otimismo. De uma população mundial de 6,3 bilhões de pessoas, quase cinco bilhões já alcançaram o primeiro degrau do desenvolvimento econômico, e 4,9 bilhões vivem em países nos quais a renda média cresceu entre 1980 e 2000. O grau de amplitude da pobreza está se reduzindo, em números absolutos e em porcentagem da população mundial. No entanto, existem países e regiões que, sem a ajuda da cooperação internacional, continuarão tendo enormes dificuldades para sair da miséria. O esforço do mundo rico para ajudar o mundo pobre é muito pequeno em comparação com os benefícios que podem ser obtidos.

Do que necessitamos então? Sachs assinala os principais instrumentos. Em primeiro lugar, investir em armas de salvação em massa (como medicamentos contra a AIDS, mosquiteiros contra a malária e poços para extrair água potável). Além disso, como cidadãos, devemos exercer nossas obrigações pressionando os poderes públicos e os poderes econômicos para que se comprometam com a luta contra a pobreza. Cinco atuações teriam cará-

ter urgente: desenvolvimento agrícola, investimentos em saúde primária, investimentos em educação, energia/transporte/comunicações, água potável e saneamento. Também pressiona a elaboração de estratégias para reduzir a pobreza que devem conter cinco elementos: um diagnóstico diferencial, um plano de investimentos, um plano econômico, um plano dos países doadores e um plano de gestão pública. Sem esquecer a urgência de políticas globais de redução da pobreza que incluam temas como a dívida, a política comercial global, o sistema financeiro internacional, a ciência aplicada ao desenvolvimento e a gestão ambiental.

Sachs não é, sem dúvida, o doutor Pangloss do Cândido de Voltaire, aquele que vivia no melhor dos mundos possíveis. É plenamente consciente das dificuldades para alcançar o objetivo de erradicar a pobreza. Sabe que é possível acabar com o ceticismo de quem repete a cantiga de que o mundo rico não deve salvar o mundo pobre, que a pobreza é um problema deles, que não é possível fazer nada enquanto estamos concentrados na luta contra o terrorismo internacional ou que as elites corruptas dos países pobres impedem a chegada da ajuda a seus destinos. Acabar com a pobreza é, na visão de Sachs, um problema de vontade política e nunca de ausência de capacidade técnica.

Nota

¹ Uma síntese das críticas de Jagdish Bhagwati – “no hay que dar más ayuda a los países pobres” – pode ser encontrada em <http://www.periodistadigital.com/periodismo/object.php?o=330393&print=1>